REVISTA TRICERATA

Nº 16 - 13 DE MARÇO DE 2026
ISSN: 2675-9349

A RODA DA FORTUNA
IRMÃS ERRADAS
PROTOCOLO 17

EDITORA CYBERUS

ÍNDICE

4 EDITORIAL

6 A RODA DA FORTUNA
Luiz Fernando Lima de Oliveira

11 IRMÃS ERRADAS
Glauber Gomes da Silva

29 PROTOCOLO 17
Pedro Machado Severo

REVISTA TRICERATA

A **REVISTA TRICERATA** é uma publicação independente. Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora:

EDITORA CYBERUS

Fundador e editor-chefe
Maurício Coelho
Projeto gráfico e diagramação
Douglas Domingues
Imagem do índice
freepik

Este número não teve revisão final, foi revisado apenas pelos próprios autores de seus respectivos textos. Caso tenha interesse em revisar voluntariamente, mande-nos um e-mail: editoracyberus@gmail.com

REVISTA TRICERATA. Vol. 5, nº15, 2026. Pode ser baixada gratuitamente no site da Editora Cyberus.

ISSN 2675-9349

EDITORIAL

A DÉCIMA TERCEIRA BADALADA DO RELÓGIO

Desde a idade média, o número treze, associado com o arcano da Morte no tarô, passou a ser temido e, algumas vezes, considerado um número de sorte.

Nessa antologia, estamos retomando esse terror antigo e, ao mesmo tempo, fazendo uma homenagem a um tema da cultura popular e do folclore urbano: o slasher.

Porque o folclore e as superstições não são elementos de sociedades arcaicas. Eles ressurgem até mesmo onde a natureza parece sob controle e nas mãos da ciência e da tecnologia.

O tema do slasher começou a ser explorado pelo cinema na década de 60. Mas a ideia do psicopata e assassino em série é imemorial. O cinema americano combinou o slasher com os grupos de adolescentes em lugares remotos. Será que é uma forma de tratar da descoberta e do contato com um mundo desconhecido além da família e da escola, típico dessa fase? Ou será que é isso mais um medo latente do descontrole emocional e hormonal? Ou uma desconfiança geral das grandes cidades, em que quase todos são desconhecidos?

Não temos como responder aqui. Mas a Tricerata está explorando esses temas nessa edição, com histórias no cenário brasileiro e as nossas neuroses mais acalentadas. Vamos ler. E vamos por partes.

Rodrigo Silva
Editor

A RODA DA FORTUNA

Luiz Fernando Lima de Oliveira

// Luiz tem 28 anos, é advogado e contista, e vive em Aracaju/SE. Encontra na escrita seu espaço de criação, dedicando-se principalmente ao suspense e ao terror, com foco nos conflitos psicológicos e aspectos morais que atravessam seus personagens. Também se aventura pelo drama, sempre interessado nas fragilidades humanas e nas escolhas que mudam destinos. Atualmente trabalha na publicação de seus contos e na escrita de um romance, aprofundando seu caminho na literatura.

As estrelas brilhavam menos naquela noite, e as nuvens densas escondiam a lua cheia, única testemunha imparcial daquela sexta-feira 13. A iluminação na velha casa de campo era a de velas espalhadas pelos cômodos, trazendo-lhe um aspecto incendiário e aumentando as sombras dos móveis nas paredes, como monstros à espreita.

Daniel tremia e suava, agachado dentro de um armário no fim do corredor. Pedro estava ao seu lado, encolhido. Os olhos gru-

dados nas frestas da porta de madeira, observando o lado de fora. Uma gota de suor atravessou seus cílios e ofuscou sua vista, sendo arrancada com o dorso da mão.

— Ele vai matar a gente — disse Daniel, ainda trêmulo. — Eu sabia que ele era um psicopata do caralho.

— Cala a boca, Dan. — Pedro puxou seu canivete do bolso e o segurou firme. A lâmina prateada reluzindo na escuridão. — Ele vai acabar te ouvindo.

Passos pesados no chão de madeira, do outro lado da casa, aproximando-se da sala. Pisadas de alguém que não se importava em ser antecipado, pois sabia que era o cachorro caçando o gato, ou o gato caçando o rato.

Carlos era corpulento, usava uma camisa do Chucky e uma calça verde militar. Em seu rosto, uma máscara circular com a pintura da roda da fortuna num dourado gasto. Havia uma rachadura na altura da sua boca, como uma fenda escura. Na testa, a esfinge erguia sua espada, e nas laterais, uma serpente descia e um chacal ascendia pela roda.

Ele cruzou a sala de estar, tomando cuidado para não pisar nos corpos dos seus ami-

gos mutilados. Misturado ao sangue, havia coca-cola, cerveja e grãos de pipoca. Na televisão, Pânico 6 pausado, logo antes da revelação dos assassinos. Já mais a sua frente, Clara se arrastava pelo chão, tentando fugir da conclusão daquilo.

Seu abdômen estava aberto, quase expulsando seu intestino para fora. A boca, encharcada em sangue, não permitia grito algum. Suas forças se concentravam em se mover para longe daquele monstro.

Ele aproximou-se dela, chegando até o início do corredor. Portando uma machadinha já banhada em vermelho, o homem acertou o pescoço da garota. Os olhos dela quase saíram das órbitas e seu corpo chacoalhou, como se eletrificado. Ele pisou nas suas costas e puxou a lâmina da sua pele, que borbulhava sangue.

— O que merda deu nele? — sussurrou Daniel, observando Clara sendo assassinada pela fresta do armário. — Será que todos os outros já morreram também?

— Eu não sei. — As mãos de Pedro avermelhadas, apertando o cabo do canivete. — Na verdade, eu tenho a impressão de ter vis-

to outra pessoa mascarada também. Não dá pra confiar em ninguém lá fora, Daniel.

Então, vindo de lugar algum, uma carta de tarot escorregou pela fresta do armário, caindo no colo de Pedro. Ele a pegou e observou sua imagem, iluminada pela luz da lua: a morte.

Outra carta deslizou pela fresta, dessa vez nas pernas de Daniel: a lua.

Ao focar na carta em sua mão, os olhos de Daniel acinzentaram-se, imóveis ao mundo exterior, como se voltados para dentro. O verdadeiro Daniel voara para bem longe dali, deixando apenas outra coisa dentro daquele armário.

Ele levantou o canivete e o afundou no estômago de Pedro, que emitiu um grito abafado. Os olhos imensos em surpresa, a garganta travada para formular qualquer frase. Apenas tentava entender o motivo de uma simples noite de cinema ter se transformado num banho de sangue, enquanto compreendia a inevitabilidade da sua própria morte.

Pedro puxou a faca que guardara no bolso da calça e atingiu as costas de Daniel, perfurando seu pulmão. Daniel não esboçou

reação alguma, apenas abriu a boca e respirou em fungadas curtas. Pedro fazia o mesmo, até que ambos começaram a perder a consciência e derramaram-se sobre a porta do armário, que abriu e deixou-os cair no chão.

Carlos, da outra ponta do corredor, viu aquilo e sorriu. Estava finalizado. Sua satisfação parecia escorrer pela sua pele.

Até que, pela fresta da máscara, na altura da sua boca, saiu a ponta de uma carta de tarot. Ele a puxou, engasgando-se, e seu coração palpitou ao notar que se tratava da roda da fortuna invertida. Carlos tirou a máscara, procurando ar. Tremeu involuntariamente, questionando o significado daquilo.

Alguns passos tímidos irromperam de dentro de um dos cômodos atrás de Carlos. Ele se virou, já respingado de suor, quando percebeu que um homem alto e corpulento, vestindo uma máscara com a roda da fortuna pintada em dourado vivo e portando um machado, o encarava.

E a roda continuava a girar.

IRMÃS ERRADAS

Glauber Gomes da Silva

// Glauber possui formação e atuação na área de psicologia comportamental, o que influencia diretamente seu trabalho de ficção. Esse repertório aparece sobretudo na construção de personagens, nos conflitos morais, nas dinâmicas de grupo e nos processos de colapso emocional sob pressão. Como autor, seu foco está em criar histórias que não dependam apenas de conceitos ou cenários, mas que explorem o ser humano diante de situações limite: o medo, a perda de identidade e a experiência da ausência de sentido.

Na madrugada em que a família Montenegro partiu em viagem, a mansão permaneceu iluminada como um vigia insone.

— Casa desse tamanho não fica vazia assim — murmurou Jota.

— Fica quando os ricos viajam — respondeu Arlo, já decidido. — Saíram hoje cedo. Empregada foi embora. Vai ser fácil.

Vanessa hesitou ao ver as luzes acesas atrás das janelas.

— Temporizador — Arlo cortou. — Fingem presença.

Minutos depois, o grupo pulou o muro. O jardim estava silencioso demais. Nenhum alarme, nenhum latido. Apenas passos na grama úmida.

A porta dos fundos cedeu fácil. Dentro, corredores amplos e um silêncio pesado. As luzes se acendiam conforme avançavam, expondo cada movimento.

No escritório, gavetas foram reviradas, papéis jogados ao chão. Então, uma voz baixa ecoou do andar de cima:

— Eu disse pra não mexer aí...

Vanessa congelou.

— Tem gente na casa! — sussurrou Jota.

Arlo fez sinal de silêncio — Vamos ver. — e subiu as escadas.

No andar superior, brinquedos espalhados e uma trilha de café derramado levando até uma das suítes... a porta entreaberta. Ele empurrou.

Duas meninas estavam sentadas na cama, abraçadas, tremendo.

— Não machuca a gente — pediu a menor.

— Porra... — Arlo soltou, aliviado demais. — É só isso.

— Amarra elas!

Cordas improvisadas, nós malfeitos. As meninas choravam enquanto ele exigia saber onde estavam joias e dinheiro.

— Eles levaram tudo — soluçou a mais velha.

Arlo derrubou uma cadeira.

— Não mente.

O pânico aumentou... até cessar.

O silêncio caiu pesado.

A mais velha ergueu a cabeça lentamente. Um sorriso estranho surgiu, errado demais para um rosto infantil. Os olhos estavam negros.

— Vocês não deveriam estar aqui.

A voz parecia vir de fora da carne.

A menor começou a rir. Um riso áspero, selvagem.

Os corpos se contorceram. Ossos estala-

ram. Membros se alongaram além do possível. As cordas arrebentaram.

Vanessa gritou.

As criaturas saltaram.

A mais velha cravou os dentes no pescoço de Vanessa. Sangue espirrou. A mais nova se ergueu do chão de um jeito errado, dobrando o corpo até apoiar-se nas mãos e nos pés. Andava de quatro, a cabeça pendida, mordeu sua barriga. Os gritos ecoaram pela mansão.

Enquanto devoravam a carne de Vanessa, os membros das meninas mudaram. Não mais humanos, agora se estendiam demasiadamente longos, pés e as mão em garras pontiagudas.

Arlo e Jota correram.

O riso vinha atrás deles — não como perseguição, mas como brincadeira.

As irmãs se moviam pelas paredes e pelo teto, saltando sobre móveis, sempre rindo.

Jota se trancou num armário. Prendeu a respiração. Sentiu a presença antes de ouvir a voz:

— Você não deveria estar aqui. — veio a voz, baixa, quase doce.

Garras atravessaram a madeira e o puxaram para fora., sendo dilacerado pelas jovens, enquanto o riso selvagem enchia o corredor.

Arlo chegou à cozinha. A porta estava trancada. Pegou uma faca grande, as mãos tremendo.

— Vem! — gritou.

As irmãs surgiram devagar, se deliciando com o medo de sua presa. — Saiam daqui aqui! — ele gritou.

Elas se aproximaram sem hesitar, a gargalhada ecoava tão alta que parecia rasgar os ouvidos.

Arlo avançou com a faca num grito mais desesperado do que fúria. O golpe cortou o ar em direção a irmã mais velha. Ela saltou e grudou-se à parede acima da porta trancada, o corpo arqueado, membros dobrados garras cravadas na parede. Observava-o de cabeça para baixo, sorrindo.

A mais nova surgiu à frente dele.

Aproximava-se em passos curtos, Investia — e recuava. Investia — e recuava. Como um jogo. Cada avanço deixava um novo corte

em Arlo: no braço, na coxa, no ombro. Ferimentos, nunca profundos o bastante para matar.

— Vocês... são o quê?! — ele gritou, a voz falhando.

A mais nova inclinou a cabeça, curiosa, e avançou de novo. A lâmina dessa vez a atingiu no peito.

Ela não gritou nem sangrou, apenas riu, um riso infantil e feroz ao mesmo tempo.

Com um golpe rápido arrancou a faca e a mão de Arlo que gritou de dor, enquanto a mais velha agora atrás dele o jogou pesadamente sobre a grande mesa da cozinha.

Arlo ao levantar a cabeça, viu apenas dois pares de olhos negros muito próximos... e um sorriso que se abria muito maior do que devia.

— Você não devia... — disse uma.

— ...estar aqui — completou a outra.

E gargalharam enquanto estraçalhavam seu corpo.

Dias depois, a porta da frente se abriu com o som familiar de quem volta para casa.

O homem entrou primeiro, a mala ainda na mão. Deu dois passos e parou. O cheiro veio antes da visão, odor carne podre forte demais. Avançou assim mesmo. os corpos estavam como foram deixados, restos espalhados: marcas no piso, móveis lascados, manchas de sangue seco nas paredes. Ele não desviou o olhar. Não chamou ninguém. Apenas atravessou.

Subiu as escadas. O corredor estava silencioso. manchas vermelhas marcavam o tapete.

No quarto, encontrou as meninas sentadas na cama, limpas, corpos normais, os olhos claros outra vez.

Ele fechou a porta atrás de si.

Aproximou-se devagar, observando-as. As duas ergueram o rosto ao mesmo tempo. Não sorriram.

Ele ajoelhou-se diante delas e afagou-lhes as cabeças, um gesto terno e carinhoso.

— Muito bem, minhas filhas — disse, baixo. — Vocês se comportaram muito bem.

As meninas inclinaram a cabeça, obedientes.

PROTOCOLO 17

Pedro Machado Severo

// Pedro é um escritor independente e já publicou algumas histórias em formato de ebook na Amazon, entre elas a saga *O Samurai Lendário*, entre outras obras.

Durante um inverno no Rio Grande do Sul, na cidade de Montenegro, notícias são divulgadas pela mídia, diversos casos de assassinato. A penitenciária tinha sido fiscalizada e não havia nenhum traço de fugitivo.

As escolas seguiam algumas normas e protocolos instituídos pelo governo e a prefeitura. Essas novas diretrizes deixaram muitas pessoas revoltadas. Na escola Dois irmãos, a diretora criou uma nova norma: Sem celulares nas salas. Essa norma surgiu após o

péssimo resultado dos alunos nas provas do MEC.

— Classe, hoje iremos falar sobre a atuação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Alguns alunos suspiraram. Outros se ajeitavam nas cadeiras e começavam a fazer suas anotações. Lucas era um garoto comum, não era popular, mas também não era nerd, ele tinha o costume de deitar na classe e dormir até o fim da aula.

O jovem estava concentrado em um mangá que estava lendo, quando voltou a sua atenção a professora, ele viu ela preenchendo o quadro com a seguinte informação:

FEB — Força Expedicionária Brasileira

Em 1944, o Brasil enviou tropas para lutar na Itália contra as forças do Eixo. Foi um momento decisivo para a nossa história.

Enquanto a professora escrevia, alguns barulhos eram escutados fora da sala de aula. Luzes piscaram, em seguida tudo foi consumido por uma luz vermelha e um alarme começou a apitar.

BEEP. BEEP. BEEP.

A professora vai até a porta da sala, mas estava trancada. Grades bloqueiam as janelas. A sala estava totalmente trancada.

— Atenção. Atenção. Início imediato do Protocolo 17. Repetindo: início imediato do Protocolo 17. - Anunciava um alto falante dentro da sala.

— Esse protocolo já existia? — Perguntou Luiza, então David negou.

— Eu acho que não, foi algo implementado hoje talvez.

— Todos se mantêm sentados e longe das janelas, vamos aguardar. - Dizia a professora em voz baixa.

Lucas estava no fundo da sala, junto dele estavam Miguel e Carol. Os três estavam visivelmente preocupados com a situação, eles viam a professora caminhar de um lado para o outro tentando acalmar alguns alunos.

Alguns minutos se passam, então eles escutam gritos e mais gritos vindo de fora, mas não ouvem nenhum disparo. O que estava acontecendo? Todos se perguntavam, mas não conseguiam saber.

— Precisamos pegar os celulares na sala

da diretora. - Disse Carol em voz baixa.

— Tudo trancado. - Respondeu Miguel olhando para as janelas. - Inclusive as jane-

— Esperem, olha aquilo. - Interrompeu Lucas apontando para a porta.

Uma luz verde estava acesa acima da porta. Essa luz indicava se a porta estava trancada ou aberta. Rapidamente os três se aproximaram da porta e de leve eles abriram.

Os alunos na volta se afastaram, enquanto a professora observava e caminhava calmamente até eles.

A primeira impressão era que o local estava normal, não tinha nenhuma correria, na verdade estava mais calmo e quieto do que o natural. Isso deixou Lucas preocupado, ele deu alguns passos para fora, logo foi seguido pelos amigos. A professora chegou até a porta, onde os jovens tinham passado.

— Voltem para dentro.

— Vamos pegar os celulares, deixem a porta trancada, professora. - Disse Lucas direto.

A professora suspirou e deu um breve aceno, em seguida os três partiram pelo cor-

redor em direção ao bloco 2, onde ficava a sala da direção.

Durante o trajeto, eles passaram em frente ao banheiro, ali viram um rastro de sangue, eles seguiram com os olhos e avistaram alunas mortas no banheiro. Seus corpos caídos ao chão sem vida.

Eles entraram no local, ainda em choque, viram corpos e mais corpos espalhados pelo banheiro.

— Olhem. - Disse Lucas mostrando o torso da garota. - São marcas de cortes.

— Por isso não ouvimos barulho de tiro. - Respondeu Miguel ainda abalado.

— Precisamos nos apressar, pegar os telefones e voltar para sala. Seja quem estiver fazendo isso, ele vai nos matar.

Os dois acenaram positivo, em seguida saíram do banheiro feminino e voltaram a correr pelo corredor.

O corredor ligava o bloco 1 e 2, ao chegar no segundo bloco, eles seguiram passando pelas primeiras salas e pelo sangue no chão eles sabiam que tinham pessoas mortas, porém, ao passar pela sala dos professores, eles

escutam a voz de alguém,

— A-ajuda. - Dizia um homem com voz fraca.

— É o professor Ivo de educação física. - Comentou Lucas olhando a sala.

— Deixa que eu e o Miguel ajudamos ele, você deve pegar os celulares, Lucas. - Comentou Carol.

O garoto apenas acenou e correu para a sala da diretora. Lá ele chegou e viu vários papeis no chão, mas sem nenhum sangue, o que era positivo. Ele começou a procurar pela estante os celulares.

Em seguida, caminhou em volta da mesa da mulher e ali ele viu um cesto, embaixo da mesa, cheio de celulares. Lucas rapidamente procurou o seu celular, quando achou, ele tentou ligar.

A tela estava toda branca, de alguma forma o celular estava quebrado. Ele escutou um barulho na porta, quando se ergueu, viu a diretora com uma roupa preta.

— Diretora, precisamos chamar a polícia.

— Claro que iremos chamar, só que depois de tirar a sua vida, pirralho.

O Lucas olhou sem entender, então a mulher tirou de suas vestes um punhal e correu atacando ele, mas o garoto saltou para o lado se esquivando, mas a mulher não parou.

Ela seguiu atacando, brigando, fazendo breves cortes no garoto, então ela pulou sobre ele, assim o derrubou, depois pegou o punhal e tentou acertar no peito dele, mas o garoto segurou o braço dela.

— Você vai ser rasgado e morto.

Lucas seguia segurando o braço dela, então no breve descuido da mulher, Lucas girou e fez uma rasteira nela, assim derrubando-a.

— Desculpa por isso.

Lucas tentou correr, mas a mulher puxou a perna dele e o derrubou. Ela pegou o punhal e fez um corte na perna do garoto e quando foi cravar, Miguel surgiu acertando com uma cadeirada na cabeça.

A mulher gritou de dor e caiu para trás, então Lucas se afastou. A mulher estava tonta e sangrando, quando viu onde estava, ela olhou para os jovens alunos, mas já era tarde, o professor Ivo estava atrás dela e com mata-leão, apagou a diretora.

— Vamos deixar ela presa. - Disse Carol.

Eles prenderam a diretora junto a mesa, também amarram as pernas dela, então pegaram o cesto com celulares e correram em direção a sala de aula.

Eles não entendiam o motivo de toda aquela loucura, mas passando pelas salas, vendo corpos caídos, sangue espalhado pelas salas, algo chamou a atenção de Lucas.

— Vocês repararam que só a nossa sala ficou presa? E por que a diretora desativou as trancas?

— A diretora não pode trancar ou destrancar por fora. - Respondeu Ivo sem rodeios.

Ao perceberem do perigo que os alunos podem estar, eles saíram correndo em direção a sala de aula, mas era tarde. Todos os alunos estavam mortos.

Eles entraram e viram sangue em todo local. Os corpos adolescentes estavam mutilados e espalhados pela sala, então lágrimas caíram nos olhos dos jovens alunos. Os três se ajoelharam chorando vendo os corpos dos colegas sem vida, enquanto o professor segurando a emoção olha em volta e vê algo escri-

to no quadro com letras de sangue:

"Os três passaram de ano!"

O professor tirou os alunos da sala, os três estavam em choque. Ele ligou para a polícia, enquanto aguardava sentados no chão. Aquele incidente ficou conhecido como Massacre de Montenegro.